



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 6 – Nº 13 - Janeiro - Julho 2011

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

RISCOS E RABISCOS – O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor:

Fernanda Hanauer¹

¹ Pedagoga e professora de Educação Infantil na rede municipal da cidade de Erechim – RS.
fernanda.hanauer@ibest.com.br

RISCOS E RABISCOS – O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL²

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo, e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo... Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva e se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva... Se um pinguinto de tinta cai num pedacinho azul do papel, num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu... (TOQUINHO)

Resumo: Este estudo direciona o olhar ao desenho como a primeira forma de expressão gráfica infantil e se constitui uma linguagem universal presente em todas as culturas desde os tempos antigos. Ao desenhar a criança deixa marcas no papel e registra seus pensamentos e sentimentos. A produção criadora envolve o pensamento, a criatividade, a imaginação e os sonhos. Através do desenho a criança representa objetos significativos sejam eles reais ou imaginados. O desenho infantil passa por etapas conforme a criança se desenvolve. A evolução gráfica se relaciona à maturação da percepção motora e cerebral além de envolver mecanismos biológicos e sensoriais.

Palavras-chave: desenho infantil, linguagem, produção criadora, desenvolvimento.

Resumen: Este estudio direcciona el ojar al dibujo como la primera forma de expresión gráfica y si constituye en un lenguaje universal presente en todas las culturas desde la antigüedad. Al dibujar, el niño deja marcas en el papel y registra sus pensamientos y sentimientos. La producción creadora envuelve el pensamiento, la creatividad, la imaginación y los sueños. A través del dibujo el niño representa objetos significativos sean ellos reales o imaginarios. El dibujo infantil pasa por etapas de acuerdo con el desarrollo del niño. La evolución gráfica se refiere a la maduración de la percepción motora y cerebral, además de envolver mecanismos biológicos y sensoriales.

Palabras claves: dibujo infantil, el lenguaje, producción creadora, desarrollo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mundo infantil é marcado essencialmente pela magia. Magia esta que remete entre outras esferas ao desenhar que constituímos uma prática natural e indispensável à vida, presente em todas as culturas desde os tempos remotos. Por isso, buscamos investigar o desenho na Educação Infantil destacando-o como uma linguagem gráfica importante no desenvolvimento da criança bem como meio de representação expressiva, criadora e imaginária.

As manifestações artísticas, por meio do desenho, iniciadas nos primeiros anos de vida fazem parte de um processo de representação, onde a criança comunica e expressa seus pensamentos e sentimentos do mundo que a rodeia. O desenho também envolve aspectos

² Artigo Científico apresentado ao curso de Pós Graduação em Educação Interdisciplinar do Instituto de Desenvolvimento de Educação do Alto Uruguai, como requisito final para obtenção do título de Especialização.

cognitivos e emotivos, na medida em que os traços dão forma ao pensamento que leva ao conhecimento e evoluem conforme a criança se desenvolve.

Direcionamos o estudo a três eixos temáticos. No primeiro abordamos a linguagem do desenho como importante registro gráfico, forma de comunicação e expressão. Em seguida retratamos o desenho como produção criadora onde a criança manifesta sua arte de forma natural, espontânea, imaginativa e simbólica. Por fim, apresentamos a evolução do desenho no desenvolvimento infantil, que ocorre por meio da integração dos sentidos, do corpo, da mente e da expressão motora.

A LINGUAGEM DO DESENHO

O desenho como linguagem é uma forma de comunicação construída ao longo dos anos. O homem primitivo deixou sua marca nas cavernas, representou imagens, criou símbolos e registrou a sua história. Para tanto, apontamos

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (DERDYK, 1990, p. 10).

Dessa forma, podemos pensar o desenho como linguagem universal que possui convenções pertencentes à sociedade e a cultura e perpetua diferentes gerações. Cada qual com suas singularidades próprias, dotada de história.

Junqueira Filho (2005) nos diz que o desenho é uma linguagem com estrutura e regras próprias de funcionamento. Linguagem esta que significa toda e qualquer realização humana onde o desenho se enquadra num sistema de representação como uma produção de sentido. Desenhando a criança imprime registros, portanto, expressa e comunica.

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

Os traços deixados nas mais variadas superfícies são registros e como tais, expressam sentimentos e pensamentos. Para Moreira (1984) o desenho da criança é a primeira forma de expressão gráfica, iniciada antes mesmo de ela dominar a leitura e a escrita, e é para ela é uma linguagem, como o gesto e a fala.

O desenho também pode ser considerado um signo, que deixa pistas através da linguagem gráfica. O signo é representado por meio do traço e da forma. Para Derdyk “O signo gráfico é resultante de uma ação carregada de uma intencionalidade, ainda não totalmente expressa. O olho, expectador dessa conversa entre a mão, o gesto e o instrumento, percebe formas” (DERDYK, 1990, p. 101).

De acordo com as idéias apontadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), o desenho como linguagem indica signos históricos e sociais que possibilita ao homem significar o seu mundo.

Sendo assim, destacamos a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, como um espaço para o viver da infância que promove a apropriação das diferentes linguagens e manifestações expressivas, dentre estas, o desenho, signo dotado de significações.

Ao desenhar, a criança brinca e verbaliza seus pensamentos e sentimentos, deixando marcas no papel. Aos poucos ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua sobre o espaço do papel imprimindo traços. Quando pega pela primeira vez esse objeto mágico, a criança o experimenta como um brinquedo.

Na primeira etapa escolar, toda criança desenha e deixa marcas por prazer. Sempre encontra um jeito e um local para registrar. O chão, a parede e os móveis são muitas vezes destinos escolhidos pela criança pequena. De acordo com Derdyk (2004) o desenho expressa a vivência e torna-se uma brincadeira que gera prazer. Greig (2004) nomeia esta etapa de “idade de ouro” em que o desenho da criança pequena é impulsionado pelo prazer.

Os primeiros desenhos são feitos pelo prazer de riscar para produzir algo no papel. Podemos ilustrar tal idéia através do seguinte trecho:

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (DERDYK, 2004, p.56).

Assim como Derdyk (2004) que afirma que a criança desenha para divertir-se, Moreira (1984) aponta que ela desenha para brincar. Pensamos que o desenho seja um veículo de expressão tanto do brincar quanto da diversão, afinal, ambos se complementam. Ao nos depararmos com uma criança desenhando dificilmente a veremos triste, pois o desenho representa uma dimensão humana que rompe barreiras, alimenta sonhos, estimula pensamentos e encanta.

O desenho como linguagem também se constitui um instrumento do conhecimento e leva a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo. A criança que desenha estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos e aprimora suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente. Ela externaliza sentimentos e expressa pensamentos.

Read (2001) afirma que o desenho é um modo de expressão da criança e pode ser considerado um processo mental. É também através do desenho que a criança imagina e inventa, despertando a curiosidade e o conhecimento.

Fenômeno cultural, portanto, linguagem, o desenho, presente em todos os povos desde o início da civilização, constitui uma representação da vida. A prática do desenho é parte da vida e a criança que desenha vivencia descobertas, extrapola idéias e pensamentos, é feliz.

PRODUÇÃO CRIADORA

Com base em Wikipedia (2010) ressaltamos que o desenho acompanha o homem desde os tempos antigos. No período Pré-Histórico o desenho estava inserido num contexto tribal – religioso. Durante a Antiguidade, separado da religião, passou a ser considerado uma disciplina própria. No Renascimento foi entendido como forma de conhecimento para, só então, a partir do século XV tornar-se um elemento da criação artística.

Passado algum tempo o desenho prestou-se a uma exploração psicanalítica com acompanhamento do terapeuta através de procedimento interpretativo. O ato de desenhar como nos aponta Greig (2004) estava ligado ao processo de cura – “terapia pela expressão”. Aos poucos abrangeu também o campo educativo onde ressaltamos o trabalho de Freinet (apud Greig 2004) que criou o método natural – a livre expressão, abrindo um vasto caminho para a expressão plástica.

Linguagem da arte, o desenho pode ser considerado uma produção criadora que envolve uma gama de sentimentos e pensamentos reunindo elementos da experiência para

formar novos saberes. Assim, a arte constitui conhecimento, envolve o pensamento, o sentimento e a formação intelectual. Por isso o desenho se direciona à arte.

Podemos definir o desenho como um processo pelo qual uma superfície é marcada aplicando-se sobre ela a pressão de um objeto – lápis, caneta, giz, que se transforma numa imagem formada por traços. O mundo dos traços e das cores marca presença junto à infância com encantamento, motivando o desejo da descoberta, pois é carregado de significados e reflete o retrato da criança.

O desenho infantil estabelece uma relação entre a criança e sua expressividade, que possui seu próprio estilo de representação gráfica bem como sua própria maneira de expressão. É o que podemos perceber na opinião de Ferraz e Fusari quando escrevem:

A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações das sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção (1993, p. 55).

A produção gráfica é para a criança um dos meios mais significativos de comunicação. De acordo com Read (2001) o desenho é uma atividade espontânea, é expressão e comunicação. O que não é dito verbalmente aparece nas situações concretas indicadas nos traços.

O desenho infantil retrata a expressão natural e espontânea da criança. Para Montessori existem três condições para que uma criança se expresse pelo desenho “um olhar que veja, uma mão que obedeça e uma alma que sinta” (apud READ, 2001, p. 128). A partir disso, pensamos que o desenho é produzido através do sentir, do pensar e do agir. O olho segue a mão que por sua vez retrata o que o coração sente.

O ato de criar envolve o pensamento e a criatividade, intensificando a inteligência artística. Através da ação criadora, a criança busca o saber, pois desenhar é embarcar numa fantástica aventura para conhecer a si próprio, o outro e o mundo que nos rodeia. Para Lowenfeld (1977), a arte do desenho possui papel fundamental na vida da criança, visando formar um novo significado para tudo que vê, sente e observa, pois constitui um complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência para formar um novo e significativo todo.

O desenho comunica e atribui sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio de linhas, formas, traçados e cores. Retrata a realidade e o imaginário onde a criança expressa os seus sentimentos e sua compreensão de mundo. Cada traço diz muitas vezes mais do que palavras.

Quando a criança desenha, ela representa situações e personagens do mundo adulto manifestando-se simbolicamente. No desenho é possível perceber indicativos gráficos do mundo real que é construído e apropriado pela observação e imitação do cotidiano e também do imaginário, aquele que é construído a partir da absorção da realidade.

Sendo assim, o desenho pode representar situações e realidades diversas para tudo o que é visto, lembrado, imaginado ou ainda surgir de um movimento livre da mão sobre a superfície.

Através da capacidade simbólica a criança potencializa sua capacidade de criar. A sua imaginação desenha objetos significativos, sejam eles reais ou frutos da sua fantasia e expressa as emoções e sentimentos que a criança presencia.

Ferraz e Fusari (1993) entendem que a atividade imaginária é uma atividade criadora, resultante das experiências vivenciadas e da combinação de elementos da realidade. Desenhar nesse sentido é representar graficamente algo real ou abstrato onde permeia o imaginário:

A criança em atividade fabuladora ou expressiva participa ativamente do processo de criação. Durante a construção ela se coloca uma sucessão de imagens, signos, fantasias (...) importantes para o conhecimento da produção da criança e evidenciam o desenvolvimento e expressão de seu eu e de seu mundo. Para a criança, essa linguagem ou comunicação que ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com o seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento da realidade (FERRAZ; FUSARI, 1993, p.56).

Com caráter livre e espontâneo, o desenho permite que a criança desde a mais tenra idade, conquiste sua relação com o mundo real e imaginário, criando e recriando significações. Para Derdyk (2004) o desenho se constitui uma atividade do imaginário e por ser uma linguagem expressiva a criança passa por um processo vivencial e existencial, expressando suas alegrias, medos, emoções e frustrações.

O fazer artístico da criança por meio do desenho sofre influência da cultura através de imagens em livros, revistas, propagandas, televisão e também de trabalhos de outras crianças e adultos. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), os trabalhos de arte das crianças revelam o local e a época histórica em que vivem, suas oportunidades de aprendizagem, suas idéias e sentimentos.

O estilo dos desenhos infantis mostra originalidade mesmo com características globais e universais presentes em várias culturas. Este estilo vai avançando conforme a criança cresce, com a maturidade dos pares perceptivos e motores.

A EVOLUÇÃO DO DESENHO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Existem teorias e diferentes interpretações a respeito da produção gráfica infantil. Alguns estudiosos apontam fases para o desenvolvimento do desenho infantil, de acordo com uma evolução etária. Entre os mais conhecidos estão Lowenfeld (1977), Luquet (1969) e Piaget (apud Moreira, 1984).

Lowenfeld (1977) referindo-se às fases do desenvolvimento infantil classifica-as em quatro estágios. São eles: Estágio das Garatujas, Estágio Pré-Esquemático, Estágio Esquemático e Estágio do Realismo. O primeiro estágio compreende aproximadamente dos dois aos quatro anos de idade onde a criança faz rabiscos ao acaso. As linhas desenhadas vão se sobrepondo umas às outras, formando camadas de rabiscos. Ela brinca de desenhar e aos poucos vai percebendo o seu desenho e evoluindo gradativamente para formas mais controladas. As “garatujas”, termo empregado pelo autor, referem-se aos rabiscos produzidos pelas crianças na fase inicial de seus grafismos.

O Estágio Pré-Esquemático tem início por volta dos quatro anos e estende-se até os sete anos aproximadamente. Tem como característica a representação do real com formas e figuras mais ordenadas, mas ainda com variações nos tamanhos. Os desenhos também são constituídos por poucos traços, bem resumidos.

No Estágio Esquemático dos sete aos nove anos, a criança desenvolve o conceito da forma e os desenhos agora descritivos e com detalhes reais simbolizam o que pertence ao seu mundo. Essa fase também é conhecida como simbólica por representar traços com símbolos.

Por último, o autor aponta o Estágio do Realismo, que acontece dos nove aos doze anos e marca uma maior simbolização nos desenhos onde a criança projeta suas produções com maior consciência. Como já tem um poder maior de criticidade, a criança procura esboçar objetos e seres como são vistos, porém, é o período em que perde o poder inventivo e há o desinteresse pelo desenho.

Luquet (1969) também dividiu as etapas gráficas. A primeira “Realismo Fortuito” é aquela onde a criança faz traços sem um objetivo específico e descobre por acaso uma semelhança entre o objeto e o seu desenho, dando então um nome para ele. Nesta fase, se

perguntarmos a uma criança de dois anos o que ela desenhou, ela pode nos dizer que foi uma casa, que em seguida passa a ser uma bola ou qualquer outra coisa que lhe ocorrer no momento.

O gesto motor que traça as linhas é caracterizado mais do que o significado do elemento gráfico. A partir daí, se darão várias transições até atingir um nível maior na representação. Ilustramos esta idéia através das palavras do autor “ A princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas” (LUQUET, 1969 p.145).

A segunda fase apontada por ele é o “Realismo Falhado” onde a criança depois de descobrir a identidade da forma – objeto passa a reproduzi-la e vai modificando o seu desenho tornando-o mais parecido com o real. No entanto, as dificuldades gráfico-motoras e as dificuldades psíquicas são fatores que interferem no desenho evidenciando imagens desproporcionais.

Em seguida, aparece a fase do “Realismo Intelectual” que caracteriza-se pelo fato do desenho conter elementos semelhantes ao objeto. A criança desenha não o que vê, mas o que sabe dele, num conjunto coerente da figura. Para representar partes ocultas do desenho surgem as transparências e nas figuras humanas surgem pessoas de perfil, havendo uma coordenação entre a forma, o espaço e a cor que estrutura o desenho.

Por último, o “Realismo Visual” a criança representa apenas os elementos visíveis do objeto e critica os seus desenhos. Aparecem claramente as influências sociais, históricas e culturais bem como elementos do seu cotidiano. Há detalhes que particularizam as figuras e a cor empregada tem papel realista e decorativo.

A ação de desenhar é uma das condutas da função simbólica descritas por Piaget (apud MOREIRA, 1984) ao lado do jogo, da imitação, da imagem mental e da evocação verbal. A autora compara as etapas do desenho com as etapas apontadas por Piaget – o exercício, o símbolo e a regra em “A formação do Símbolo na criança”.

Dessa forma, a primeira etapa – “do exercício” compreende a fase do nascimento até o aparecimento da linguagem oral, ou seja, constitui-se no período pré-verbal, onde a criança apreende o meio que a cerca através dos sentidos e da ação sobre o objeto, os movimentos são desordenados e incontrolados.

Ao pegar pela primeira vez o lápis a criança experimenta-o como um brinquedo, exercendo uma ação lúdica. O desenho lhe dá prazer, e é o gesto que produz a marca. Se dermos lápis e papel para a criança, ela descobrirá que é capaz de deixar naquele pedaço de

papel uma marca, e se surpreenderá que ao repetir o movimento mais uma marca surgirá. É um jogo de exercício que repetirá por muitas e muitas vezes.

A segunda etapa – “do simbolismo” caracteriza a fase a partir do aparecimento da linguagem, até os seis anos aproximadamente. A criança se interessa pelas realidades simbolizadas, desenha não só o que vê, mas o que imagina e o símbolo é sua maneira de representar. O olho que antes seguia a mão começa a guiá-la e o faz de conta está presente.

Com a interação do meio, a criança percebe que pode fazer novos movimentos o que propiciará um controle maior sobre a mão. Passarão então a surgir movimentos espirais e círculos fechados evidenciando a descoberta da forma. Estas garatujas, na seqüência, começam a ganhar nomes e detalhes e os desenhos aproximam-se das formas reais.

Por último, a etapa – “regra” caracteriza a criança a partir dos seis anos e representa relações sociais assumidas no meio em compromisso com o real, onde os desenhos perdem o caráter mágico mutante do simbolismo e assumem regras e convenções definidas, ganhando maior estruturação e expressividade. Nesta fase as representações gráficas são fiéis ao aspecto observável dos objetos representados, são mais lógicos que visuais e há interesse pelos detalhes decorativos.

Podemos perceber que a evolução do desenho ultrapassa patamares ao mesmo tempo em que a criança se desenvolve. Este avanço gráfico está estreitamente ligado à maturação da percepção motora e também a maturação cerebral, em que a criança modifica a percepção do mundo ao seu redor com as imagens mentais que constrói.

De um rabisco sem objetivo com movimentos puramente musculares ao alcance de um desenho estruturado acompanhamos mudanças significativas no desenvolvimento da criança, que envolvem mecanismos biológicos, sensoriais, cerebrais e motores.

Sabemos que o desenvolvimento ocorre em processo gradual. As crianças vão evoluindo e com elas também os seus desenhos. Por isso, o desenho não pode ser compreendido como simples ato mecânico; cada gesto e movimento têm funções simbólicas capazes de contribuir para o desenvolvimento humano. Com relação a isso ressaltamos:

A criança, a grande autora dos eventos mantém uma relação de prazer que impulsiona e estimula este seu fazer. O corpo inteiro da criança desenha concentrado na pontinha do lápis, que lhe abre a possibilidade da experiência da conquista das formas. O desenho estabelece um elo de participação entre a criança e o mundo, evocando e despertando formas, imagens, significados, através de seus recursos materiais (DERDYK, 1990, p. 106).

É através da representação gráfica que a criança registra o seu mundo, aquilo que é real, e seu universo simbólico vivido diariamente. Acreditamos também que é por meio do desenho que ela organiza informações processando-as em conhecimentos a partir do que é sentido e pensado.

Os rabiscos conforme Derdyk (1989) não são apenas atividades sensório-motoras. Os traços confusos no papel podem conter evidências do estado de desenvolvimento da criança como também estarem ali pelo simples prazer da ação.

A criança rabisca e rabisca, e num piscar de olhos descobre uma “gente”, uma semente. Qualquer forma redonda, quadrada, vazia, retangular, pequena, comprida, agrupada, qualquer configuração preenche um horizonte de significados (DERDYK, 1990, p. 100).

Os primeiros desenhos parecem surgir de forma espontânea e evoluem junto ao processo de desenvolvimento da criança. Os rabiscos iniciais apontam para a extensão do gesto que deixa marcas, mas nem sempre possuem a intenção de transmitir alguma mensagem. Ocorre então o aprimoramento das capacidades sensoriais e motoras e o prazer de registrar. Com o tempo essas marcas passam a ter uma intenção e a criança se comunica por meio delas.

Dessa forma, observamos que a produção artística da criança concebe elementos indicativos de seu desenvolvimento emocional, intelectual, físico e social. No aspecto emocional há o retrato dos sentimentos de alegria, tristeza, raiva, segurança... No desenvolvimento intelectual o aprendizado ocorre pela ação de desenhar e desperta a criatividade. No que se refere ao desenvolvimento físico podemos dizer que a imagem que a criança tem do seu corpo é refletida em seus desenhos; as habilidades nos traços demonstram coordenação motora e visual. Da mesma forma, no desenvolvimento social os desenhos refletem as relações da criança com o meio onde representa situações vividas.

Portanto, o desenho infantil tem uma importância vital no desenvolvimento global da criança, enquanto ser social e historicamente constituído, que usa deste instrumento para expressar sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados a cerca do desenho, reconhecemos a importância dessa manifestação gráfica, altamente criativa que faz parte do universo infantil. O ato de desenhar é visto como a atividade artística preferida das crianças cuja produção é rica em detalhes que expressam e comunicam.

Por ser o desenho uma linguagem gráfica em que a criança deixa registrada a sua história, cada traço, cada risco e rabisco revelam um pouquinho da identidade, do sentir e do pensar desse ser pequeno, mas histórico. Como é carregado de significados, o desenho registra as alegrias, medos, sonhos e nos leva a conhecer um pouquinho da criança, de como pensa e de como age no meio que a rodeia.

Ao desenhar, a criança desenvolve seus processos criativos, ampliando suas potencialidades de expressão. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento gráfico infantil é inato da inteligência humana, também corresponde às condições sócio-culturais da criança e aos estímulos recebidos ao longo de sua vida. Para tanto é preciso dar oportunidades para que a criança crie e desenvolva seu estilo de representação.

Além de ser uma forma de expressão, o desenho é também uma atividade altamente criativa. Quanto mais estimulado a prática, maior é a capacidade de criação, pois só se aprende a desenhar, desenhando.

O desenho está estreitamente relacionado com o desenvolvimento global da criança, conforme ela vai evoluindo, vai modificando também a sua maneira de se expressar graficamente. Desenhando ela estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquire e reformula seus conceitos e aprimora suas capacidades, envolvendo-se afetivamente, convivendo socialmente e operando mentalmente, rumo a um desenvolvimento sadio do intelecto e das emoções.

A criança da Educação Infantil está no auge do seu desenvolvimento pelo desenho, pois se encontra na idade em que experimenta pela primeira vez essa atividade mágica que vai evoluindo com o passar do tempo concomitante ao seu desenvolvimento.

A prática do desenhar é parte da vida. É uma ação indispensável ao bem estar da criança. Lembramos que a infância é a época das descobertas e das aventuras. Portanto cabe a nós educadores oferecer condições que estimulem o gosto pela arte de registrar o mundo num pedacinho de papel, permitindo às crianças inventar, criar e sonhar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

_____. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

FERRAZ, Maria Heloísa de Toledo.;FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: A educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.

LUQUET, G.H. **O desenho infantil**. Porto: Livraria Civilização – Editora. 1969.

<http://p.t.wikipedia.or/wiki/Desenho>. Acesso: 24 jan de 2010.